



Jornal das comunidades de
Areal, Entre Rios, Povoação e
Regência com a Fundação Renova
Setembro 2020 | Edição 13

VOZ DA FOZ



Estudantes, pais e professores comentam
os desafios da educação a distância

pg.
4

Educação para transformar pessoas

Paulo Freire, um dos educadores mais importantes da história da pedagogia, costumava dizer: “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Hoje, apesar das dificuldades que o ensino público enfrenta, as escolas municipais e estaduais ainda são o terreno mais fértil para que a maioria de crianças e adolescentes brasileiros tenha condições de alcançar seus sonhos.

É pensando nisso que uma ação integrada entre a Fundação Renova, os governos do Espírito Santo e de Minas Gerais, com a participação das prefeituras da Bacia do Rio Doce, vai investir cerca de R\$ 240 milhões na modernização de quase 900 escolas públicas dos municípios capixabas e mineiros atingidos pelo rompimento. Mais de 270 mil alunos serão beneficiados.

Aqui no Espírito Santo, R\$ 34,6 milhões serão destinados às escolas estaduais. Outros R\$ 23 milhões serão distribuídos para 215 escolas municipais. Esse dinheiro vai ser usado para obras de ampliação, reformas, construção de creches, pré-escolas, quadras e laboratórios de formação profissional. Uma das frentes de trabalho será melhorar escolas de ensino fundamental, como a EMEF Professora Urbana Penha da Costa, de Povoação, cujo projeto foi aprovado pela comunidade, que aguarda o início das obras. E tem mais: os recursos vão apoiar a atualização de salas de informática, a troca de móveis escolares, a compra de veículos e a capacitação de gestores educacionais.

Além do valor para a educação, cerca de R\$ 600 milhões serão aplicados em rodovias que dão acesso à foz, no Espírito Santo, e de Minas, na estruturação do Hospital Regional de Governador Valadares (MG) e na criação de um distrito industrial em Rio Doce (MG). Vale lembrar que o repasse de investimentos ao poder público será feito por meio da 12ª Vara Federal, em Belo Horizonte. R\$ 480 milhões foram depositados em juízo pela Renova e o restante será destinado ao longo de 12 meses. As prefeituras e os governos estaduais serão os responsáveis pela gestão dos recursos e a condução das obras. Vamos em frente!

Expediente

Coordenação

Adriana do Carmo

Jornalista responsável:

Júnia Carvalho - Reg. 4247 - MG

Reportagem:

Leandro Bortot

Eliene Santos

Direção de arte:

Humberto Guima

Fotos

As fotos desta edição foram cedidas por seus respectivos proprietários

As matérias desta edição foram sugeridas pelo grupo de comunicação, formado pelos moradores:

Andrea Aparecida Ferreira Anchieta, Jucilene Penha da Silva, Julcimara Penha da Silva, Juliana Teixeira da Silva, Julinenis Rodrigues Penha, Josenita Pereira dos Anjos, Lucas Guilherme Coutinho, Maria das Graças Moraes, Michel Gomes Pedro.

As opiniões expressas neste jornal, por parte de entrevistados e articulistas, não representam necessariamente a visão da Renova em relação aos temas abordados, sendo de responsabilidade de seus autores.



Fique por dentro

RESGATANDO VIDAS PARA CRISTO: UM PROJETO SOCIORRELIGIOSO EM REGÊNCIA

Além da palavra de Deus, moradora distribui máscaras de proteção e fala da importância de se cuidar durante a pandemia

“O olhar de felicidade daquelas pessoas, de saberem que estão sendo ouvidas, de saberem que têm alguém ali por eles e com eles, é o que me motiva a continuar firme e forte”. Foram com essas palavras que **Mara Lúcia Ramos** definiu os motivos pelos quais desenvolve um trabalho sociorreligioso com dependentes químicos, em Regência.

O projeto “Resgatando Vidas para Cristo” surgiu há mais de três meses, quando Mara percebeu a necessidade de levar a palavra de Deus para um público que se sentia excluído da sociedade. “Deus me mandou para lá e eu me coloquei à disposição dessa missão. Sabia que não seria uma tarefa fácil, pois precisava resgatar a fé daquelas pessoas e, principalmente, fazer com que elas se sentissem parte da sociedade, com os mesmos direitos”, destacou. “Uma vez, um deles me disse que havia agradecido ao Senhor por ter me colocado ali, pois ele se sentia completamente perdido”.

Mara também distribui máscaras e fala da importância de adotar medidas preventivas contra o coronavírus. “Temos que fazer nossa parte. Falo para evitarem aglomerações, se protegerem com a máscara e de lavarem as mãos com água e sabão. Eles precisam ter consciência de que devem se cuidar para não serem mais um número em meio às milhares de pessoas que já foram contaminadas”, disse.



Foto: Arquivo pessoal

Segundo Mara, com a convivência, o trabalho com os dependentes ganhou outro significado. “Me apeguei a eles de uma maneira inexplicável. Hoje, sinto como se fossem do meu sangue. Foi criado dentro de mim um amor tão grande por eles, que, por onde eu passar e o tanto que eu permanecer aqui, sei que Jesus poderá transformar essas vidas”. afirmou.





OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Alunos, pais e professores enfrentam grandes obstáculos por uma educação a distância de qualidade

A sala de casa virou a sala de aula. As explicações cara a cara agora acontecem por meio da tela do computador ou do celular. Tudo isso passou a ser uma nova realidade para estudantes e profissionais da educação durante a pandemia. E para não perder o ano letivo, as escolas das vilas tiveram que adotar o ensino a distância, o que, para muitos, está sendo um grande desafio.

Para a aluna da EJA (Educação de Jovens e Adultos) de Povoação, **Marta Santos**, seu maior desafio é estudar sem a acesso a internet. “Eu não tenho internet em casa, uso do celular, mas nem sempre ela dá conta. Muitas das vezes vou na casa dos amigos para fazer atividades, outras eu não consigo concluir. Tem hora que dá vontade de desistir por não conseguir colocar tudo em ordem”, conta.

Em Regência, aulas e atividades são disponibilizadas por um aplicativo do Governo do Estado e pelo WhatsApp. **Felipe Cailleaux Araújo de Lima**, de 12 anos, também tem dificuldades para fazer as atividades por causa do sinal de internet. “Já é difícil estudar em casa, porque é lá que descanso e brinco, e para piorar, alguns dias a internet não ajuda nem um pouco”, afirma.

As ferramentas de estudos também costumam ser empecilhos na vida dos adolescentes. É o caso da estudante **Isabela Carlos Costa**, de 12 anos, também de Regência. “Não temos material impresso. É tudo pelo computador e, aqui em casa, só temos um. Tenho que dividi-lo com meu irmão, que também estuda. Algumas

atividades acabam ficando atrasadas por esse motivo”, disse.

Muitas famílias não sabem, mas, segundo os professores da EEMF Vila Regência, quem não tem acesso à internet pode pegar as atividades impressas na escola.

Felipe dedica maior parte do seu dia aos estudos pelo computador



Foto: Arquivo pessoal



Design: Freepik

Dedicação dos profissionais

Em Povoação, a escola fica aberta todos os dias para atendimento à comunidade e disponibiliza os materiais impressos, de acordo com o cronograma da Secretaria Estadual de Educação. Os professores mantêm contato com os alunos e familiares por grupos de WhatsApp e têm se desdobrado para auxiliá-los neste momento.

Vanessa de Jesus Santos de Souza, professora do balneário para os anos iniciais, planeja suas aulas com todo cuidado, pensando tanto no aluno quanto nos pais. “O processo de

alfabetização é um pouco mais complicado. Não adianta eu querer montar algo que talvez os pais não tenham condições de auxiliar seus filhos. É por isso que planejo bem as atividades e me coloco à disposição para atendê-los a qualquer momento”, explicou.

Nicole Oliveira, filha de Nayara Santos de Souza de Oliveira, é uma das alunas que está aprendendo a ler e escrever. Além de acompanhá-la nas atividades enviadas pelos professores, a mãe a incentiva de outras maneiras. “Como minha filha gosta muito de livros, comprei alguns para ela. Assim, vamos estudando juntas e a ajudo na leitura, principalmente”, disse.

Isabela acompanha as aulas remotas pela manhã



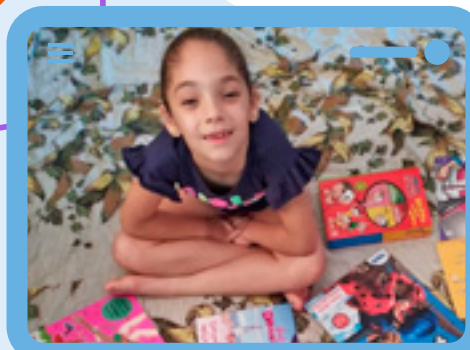
Foto: Arquivo pessoal

O papel dos pais

A ajuda dos pais é fundamental para contribuir com a formação dos alunos, o que também não deixa de ser um desafio até mesmo para quem tem experiência em sala de aula. É o caso da **Maria das Graças Moraes Pereira**, de Regência, mãe de Carlo Eduardo, de 13 anos.

“Sou professora de História e de Ensino Religioso. Se for algo relacionado a

essas duas matérias, consigo explicar melhor para ele. Agora, por exemplo, matemática e português, dá pra ajudar, mas não é como o professor ensinaria”, conta.



Nicole está aprendendo a ler e escrever



COMISSÃO COMENTA PROPOSTA DE ENCERRAMENTO DO CADASTRO

A proposta de encerramento do Cadastro para tratar indenizações individuais, protocolada em novembro de 2019 na 12ª Vara Federal, em Belo Horizonte, gerou muitas opiniões nas comunidades da foz.

Para **Luciana de Oliveira**, da **Comissão de Atingidos de Regência** e **Entre Rios**, o encerramento do cadastro é muito preocupante, pois, segundo ela, o assunto não foi debatido com a população conforme deveria.

“A conta do cadastro não fecha e não vai fechar nunca porque todo dia tem um atingido novo. Muita gente - comerciantes, artesãos, agricultores, entre outros - ainda não conseguiu acessar seus direitos. Como o cadastro é a porta de entrada para outros programas, como ficará esse acesso?”, questiona.

Assessorias técnicas são fundamentais

Neste momento em que os atingidos se sentem vulneráveis, a comissão afirma que as assessorias técnicas seriam de extrema importância na mediação de seus interesses junto ao Ministério Público e a Justiça.

“O Ministério Público nos apoia judicialmente, mas quem deveria nos orientar, instrumentalizar o atingido, é a assessoria.”, afirma a atingida. *“Nós precisamos delas, dos técnicos para nos apoiar e reivindicar junto com a comunidade”*.

Ainda segundo a Comissão de Atingidos, caso o fechamento do cadastro se concretize e as indenizações sejam tratadas na justiça, os moradores podem ser prejudicados.

“Há uma outra comissão se formando com pessoas que são a favor ao fechamento, deixando de lado quem não tem a mesma opinião. Mas se esquecem que haverá avaliação caso a caso e o maior entrave hoje ainda é a documentação. A nossa forma de viver era diferente, por sermos um território tradicional. Então vão fechar o cadastro, vão pedir documentos e não vamos ter”, diz a artesã e servidora pública.

Falta comunicação

Os moradores querem saber por que a Renova não fez uma audiência pública para informar sobre o fechamento do Cadastro e nem propôs acordos coletivos.

“Primeiro tem que democratizar a informação, ouvir os atingidos, colocar os prós e os contras à luz do dia. Nós entendemos que um dia será necessário fechar o cadastro, mas não colocando os carros antes dos bois. Isso tem que ser amplamente conversado”, ponderou **Luciana de Oliveira**.



Renova esclarece

Desde 2017, o encerramento do programa vem sendo discutido no âmbito da governança – CIF e Câmara Técnica –, que é a esfera de discussão da pauta com os atingidos, mas não houve consenso quanto aos critérios técnicos para definir a sua data de conclusão. Diante disso, a Samarco ingressou, em novembro de 2019, na 12ª Vara Federal, com uma proposta para o encerramento de recebimento de manifestações de cadastro para indenizações individuais.

A Fundação Renova ressalta que, de acordo com o TTAC, o processo de cadastramento deveria permanecer aberto por oito meses. Diante dos desafios, o processo permaneceu ativo por mais tempo que o previsto, chegando a mais de quatro anos.

No período emergencial, foram executadas buscas ativas para o cadastramento. A Fundação Renova após sua criação, além de incorporar as manifestações do período emergencial, realizou, por seu Cadastro Integrado, diversas campanhas com a disponibilização de vários canais de relacionamento e execução de ações.



Neste ano, decisões judiciais referentes a ações coletivas ajuizadas por Comissão de Atingidos em Baixo Guandu (ES) e Naque (MG), determinaram o encerramento do cadastro nessas localidades em 30 de abril. Em outras ações coletivas em que se negocia um novo sistema indenizatório, Comissões de Atingidos sinalizaram positivamente pelo encerramento do cadastro também nessa data. A Fundação Renova vem cumprindo as ordens da Justiça.





EM BUSCA DE SOBREVIVÊNCIA

Comerciantes e artesãos sentem no orçamento os impactos da pandemia e tentam se reinventar

A Covid-19 afetou não só a saúde da população, mas, também, o bolso de muitos comerciantes e autônomos de Regência e Povoação. Com as medidas de isolamento social para proteger as comunidades, pequenos empresários e comerciantes viram o faturamento cair e tiveram que tomar medidas enérgicas.

Foi o caso de **Rose Leite dos Santos Souza**, proprietária do Restaurante Vila Povoação. “O fluxo de turistas caiu bastante e eu não tenho saído do vermelho. Tive que dispensar uma das minhas funcionárias. Não ia conseguir pagar o salário dela”, disse.

Em Regência, os artesãos também tiveram uma queda nas vendas. A artesã e fundadora da Associação de Artesanato de Regência, **Eliá Moraes Laurent**, afirma que este está sendo o pior momento para quem vive da arte.

“Desde março que paramos a produção. Temos pedidos embalados, que não conseguimos entregar porque as lojas estão fechadas. Eu nunca vivi uma situação tão triste como essa. Trinta anos fazendo artesanato e nunca fiquei um mês sem produzir. É a primeira vez”, destacou.



Foto: Arquivo pessoal

O Restaurante Vila Povoação, que antes ficava cheio de clientes, hoje, quase não tem movimento



Foto: Arquivo pessoal

É preciso se reinventar

A criatividade tem sido o diferencial para sobreviver nesta nova realidade. Com sua pousada fechada, **Francisco Leão Júnior** estudou alternativas para diminuir os gastos e manter o funcionamento de sua loja, a Leão tem de tudo, localizada em Povoação. “Para economizar energia, parei de vender produtos que precisavam ser refrigerados para vender produtos de utilidade doméstica, como panelas. Assim, não preciso me preocupar com o prazo de validade”.

Com essa medida, Francisco conseguiu equilibrar o orçamento e manter o emprego dos funcionários. “Planejava contratar antes da pandemia. Agora, já não posso. Mas, fico feliz, pois, pelo menos, não precisei despedir ninguém. Sei o quanto o emprego é importante para eles e pretendo me reinventar de todas as maneiras possíveis para não chegar nesse ponto”, afirmou.

Willian Oliveira de Souza, proprietário do restaurante Vila do Mar, em Regência, também controlou os gastos do seu negócio. “Antes, comprávamos produtos duas vezes ao mês. Hoje, é apenas uma vez e, mesmo assim, só o essencial. Nossa renda caiu 80%. Fazia isso ou teria que fechar, como quase aconteceu”, salientou.

Para sair do sufoco

Segundo especialistas, a pandemia tem provocado uma crise financeira por todo o país. Muitos empreendedores tiveram que colocar a mão nas economias. Outros, recorreram aos bancos. “Sou a responsável pelas contas da casa. O dinheiro não entrava e precisava dele. Aí, tive que pedir um empréstimo”, disse Rose.

Para ajudar pessoas como ela, a Fundação Renova, em parceria com o Bades, Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo, criou o Fundo Desenvolve Rio Doce. A iniciativa busca facilitar que os donos de micro e pequenos negócios de Linhares, Colatina, Baixo Guandu, Marilândia e Aracruz (distrito Barra do Riacho) consigam empréstimos com taxas de juros bem menores que as de outras instituições.

Quem busca no Desenvolve Rio Doce uma saída para os seus problemas, pode começar a pagar as parcelas depois de seis meses e quitar a dívida em até quatro anos. Mas, alguns comerciantes capixabas ainda enfrentam dificuldade para acessar a linha de crédito. “Acaba sendo inviável, pois eles pedem fiador e garantias que não temos. Não parece que foi criado para nós, não trata a nossa realidade. Tive que fazer empréstimos com familiares”, conta o dono da Leão tem de tudo.

Apesar dos esforços para diminuir taxas e melhorar as condições de acesso, a Fundação Renova lamenta que o Desenvolve Rio Doce não consiga responder às necessidades de todas as empresas. “As garantias ainda representam um obstáculo, mas são necessárias para assegurar a continuidade da linha de crédito. Estamos trabalhando para ofertar melhores condições ao micro e pequenos empresários”, afirmou a equipe responsável.



E AGORA, JOSÉ? MEU DIA A DIA MUDOU!

Além do medo pelo coronavírus, muitos tiveram que se adaptar a uma nova rotina

A pandemia mudou a rotina de milhares de pessoas. Além de lidar com o medo, muitos estão tendo que se adaptar a uma nova realidade. E essa adaptação nem sempre é fácil para algumas pessoas.

“Já não posso sair para fazer minhas caminhadas e nem mesmo levar minha esposa para o trabalho, como fazia todo dia antes de tudo isso começar. Agora, fico em casa, fazendo os serviços domésticos e pedindo a Deus por nossa saúde”, contou **Arildo Coutin**, de 63 anos, pescador de Povoação.



Foto: Arquivo pessoal

“Adorava sair, principalmente para cuidar da minha roça. Já evitava isso porque estava terminando o tratamento de um tumor. Quando ia voltar a minha vida normal, veio a pandemia e, mais uma vez, estou preso em casa”, **Simeão Barbosa dos Santos**, 76 anos, pescador de Povoação.



Foto: Arquivo pessoal

Segundo os relatos, quando a lama passou pela foz, as crianças sentiram muito. A recomendação entre as famílias era de que elas evitassem brincar no rio e no mar para não ficarem doentes. A chegada dos parquinhos, construídos pela Renova, e a realização de oficinas e brincadeiras, também por projetos locais, amenizaram um pouco essa história. Mas os moradores dizem que, mesmo diante da pandemia, ainda é possível ver algumas crianças brincando pelas vilas, enquanto outras seguem rigorosamente as orientações dos pais de evitar contato com as pessoas.

“É muito ruim ficar em casa, sem poder sair. Meus pais falaram que é o que deve ser feito agora pra não pegar vírus. Eles sabem o que é melhor pra mim”, afirma

Yulliane de Almeida Soares Cuba, de 10 anos.



Foto: Arquivo pessoal

Ê, saudade!

Embora o isolamento social tenha seus benefícios, ele desperta um sentimento muito forte: o da saudade. Da família reunida para os almoços de domingo, das festas que movimentam as vilas, das aulas com a turma da escola, de pegar onda com os amigos, de jogar futevôlei na praça. É saudade de um tanto de coisa!

“Sei que temos que ficar em casa para nos cuidarmos, mas gostaria muito de voltar para a escola e, principalmente, de rever minha melhor amiga, que mora em outra cidade”, disse **Maria Vitória Belo Marquiori**, de 10 anos, de Regência.



Foto: Arquivo pessoal

Foto: Arquivo pessoal



“O que sinto falta mesmo é das noites de forró. Saíamos no sábado à noite e ficávamos até o outro dia. Era só diversão. A primeira coisa que quero fazer quando essa pandemia acabar é dançar meu forrozinho”, contou **Helenita Souza Teixeira**, de 72 anos, de Regência.

E as pessoas que foram contaminadas?

Em Linhares foram confirmados mais de 5 mil casos da doença até agosto. Esse número engloba crianças, jovens e idosos espalhados por bairros e comunidades da cidade.

“Os primeiros sintomas foram parecidos com o de uma sinusite. Achei que era isso, até que perdi o paladar e o olfato. Foi aí que fiz o teste e, para minha surpresa, deu positivo”, conta **Leonardo Fernandes Themoteo**, comerciante de 36 anos, um dos cerca de 50 casos de Regência. Ele está curado e passa bem.

“Não achava que seria vítima do coronavírus, pois eu me protegia de todas as maneiras. Quando comecei a sentir os sintomas,

fiz o teste e ao saber o resultado, fiquei desesperado. Tive medo de, além de ser um número de contaminados, ser um número na lista de vítimas fatais”, lembra **Jolieverson Costas dos Santos**, de 42 anos, de Povoação, que registra mais de 20 casos.

“Meu pai se cuidava, usava máscara até dentro de casa. A morte dele deixou um vazio muito grande no peito, principalmente pelo fato de não poder nem ser velado. Ele saiu do hospital e foi direto para o cemitério. Não pudemos nos despedir direito”, comentou **Diana Carlas Silva da Cruz**, que perdeu o pai, José Silva da Cruz, de 60 anos, primeira vítima da Covid-19 em Regência.



Contra o preconceito

Além de lidar com o vírus, Leonardo, Jolieverson e Diana têm outra coisa em comum: são vítimas de preconceito.

“Foi muito grande por parte da comunidade e principalmente de alguns conhecidos. Mas tive força e apoio de muitos amigos e da família”, destacou Jolieverson.

“Depois de cumprir a quarentena, reabri minha padaria e minhas vendas caíram muito. Muitos deixaram de comprar aqui pelo fato de eu ter testado positivo. Sei disso porque já ouvi pessoas dizendo para outras para não comprar aqui porque está tudo infectado, o que não é verdade”, comentou Leonardo.

Depois de enfrentar uma árdua e, muitas vezes, solitária batalha contra o vírus, essa é a realidade encontrada por pacientes recuperados da doença. O medo e a preocupação dos outros com o contágio são compreensíveis, mas, segundo a Sociedade Brasileira de Psicologia, combater o estigma, que é quando um risco é associado a uma pessoa ou lugar – é importante para tornar os moradores mais fortes e menos vulneráveis.

“Evitar o contato [...] não é uma forma efetiva de evitar a contaminação pela Covid-19. A prática do distanciamento social, da higienização das mãos e objetos, não tocar a face e uso de equipamentos de proteção individual são”, afirmou a entidade. Um bom exercício é nos colocar no lugar do outro. Vamos colocar isso em prática?



Foto: Arquivo pessoal

Leonardo contou com o apoio da esposa para superar o momento difícil

Fale com a gente



Central de
Relacionamento
0800 031 2303



CIA Linhares
Av. Augusto Pestana, 1390, Lj. 5, Centro
CIA Regência
Rua Lídio de Oliveira, 3, Lj. 2
CIA Povoação
Rua Cleres Martins Moreira, s/n



fundacaorenova.org/
fale-conosco

Saiba Mais: Momento Renova (Terças e Quintas às 9h, 15h e 20h)



Rádio Cultura/Rede SIM - 920 AM
Rádio Sim Linhares - 106,1 FM
Rede Gazeta (Linhares) - 98,3 FM

Rádio Nova Onda (Linhares) - 104,9 FM
Rádio Litoral (Linhares) - 96,9 FM
Rádio Sim (Aracruz) - 107,3 FM

Rádio Sim (São Mateus) - 105,1 FM
Rádio Alternativa
(São Roque do Canaã) - 87,9 FM